

Comício



O dicionário define: "COMÍCIO", s. m. Reunião de cidadãos com o fim de tratar de assuntos de interesse público".

Os cidadãos que se reuniram para fazer este semanário acreditam que os interesses públicos no Brasil estão defendidos de maneira tão rigorosa e completa que seja dispensável o concurso de mais alguns homens de boa vontade e razoável traquejo.

Não pretendemos salvar o país uma vez por semana; mas nos juntamos aqui para discutir à vontade, entre nós mesmos e com o público, a marcha dramática e pitoresca das coisas desta nação e, um pouco, também das outras.

Não temos, como logo se verá, compromisso com nenhum partido do governo ou da oposição. Eles andam, de resto, esfarinhados por uma febre de personalismos que, apresentando graves inconvenientes e algumas vantagens para a nossa democracia, parece ser de tudo, a fatalidade deste momento histórico. Através da confusão desse jôgo de interesses e vaidades — e procurando, na medida das possibilidades humanas, ficar fora dele, sem, para isso, ir residir na Lua — tentaremos discernir o que, e quem e quando e como representa os interesses mais legítimos da massa de nosso povo.

Além disso, o que nos cabe dizer é que procuramos dar a COMÍCIO um interesse jornalístico de ordem geral capaz de atrair leitores de gosto variado.

Estas são as nossas intenções: o COMÍCIO que delas vai resultar é, até certo ponto, um mistério tão grande para nós mesmos como para o leitor. Até a semana que vem. — A DIREÇÃO.

PEDIDO AO LEITOR

Preferimos lançar "COMÍCIO" no dia marcado, embora sbio de imperfeições motivadas pela pressa, a adiar seu aparecimento. Pedimos desculpas ao leitor pelos numerosos defeitos que ele encontra neste primeiro número. E pedimos também um crédito de confiança: iremos melhorando de semana em semana.

INJUSTIÇAS

"O Uruguai romperia relações com o Brasil." Essa "manchete", lida no jornal do cavaleiro do segundo banco à esquerda, em um ônibus gaúcho, nos intrigou profundamente. Escribhamos o pescocão, na tentativa de ler algum subtítulo esclarecedor; mas o homem piroa a página, como se lhe importassem muito pouco as nossas relações com a simpatizante república vizinha.

Confessáremos com humildade que tivemos um má pensamento, isto é, fizemos, mentalmente, uma injustiça ao bravo general Góis Monteiro. Estaria ele disposto a fazer invadir a Banda Oriental pelos seus lençóis arandeiros ou pelo famoso Exército de Alagoas? Não seria de escaotar que uma viagem de general ao Sul trouxesse alguma confusão.

Mas, por uma vez, o general estava inocente. Aquela triste ameaça do Uruguai de romper relações conosco não deixava de ser grave e lamentável, mas se limitava ao terreno esportivo. A Associação Uruguaiã fizera sentir à CBD que não estava disposta a concordar com o adiamento da disputa da Copa Rio Branco; o sr. João Lura Filho embarcava para Montevideu, numa tentativa de arranjar as coisas.

Seria, talvez, estimável, que os jornais cuidassem de não envolver tão completamente o nome dos países nas lutas de seus quadros de futebol. A emoção fácil das massas fica, assim, à mercê de exageros não recomendáveis. Ouvimos pelo rádio, como todo mundo, os jogos do Campeonato, e amargamos o envite indecoroso com o selecionado peruano, vibramos com a "remanche" histórica sobre os uruguaios, e com a vitória decisiva sobre os chilenos. Mas há um limite para essas exaltações: aquele além do qual toda a honra de um povo fica entre os pés de onze de seus filhos — mesmo incluindo a cabeça de Baltazar, que é, afinal de contas, um terceiro pé.

O resultado é estes fizemos uma injustiça ao general Góis Monteiro, coisa, aliás, muito difícil no terreno das confusões.

EVIDÊNCIAS

Não é possível ler, sem escandalos, os números que assinalam os lucros de certas empresas no Brasil. Eles são particularmente altos quando se trata de filiais — confissões ou disfarçadas, — de grandes organizações estrangeiras. E quando sabemos a habilidade com que é feita a escrituração dessas firmas, que encontram, nas falhas e omissões da lei, mil modos de encobrir a verdadeira montante de seus lucros, mais ainda pasmamos diante dos lucros oficialmente confessados. Vale a pena adiantar — quando os senhores do Governo se mostram tão preocupados em diminuir ou, pelo menos impedir a alta constante do custo da vida — que em muitos casos se trata de empresas fornecedoras de mercadorias ou serviços indispensáveis à nossa economia, e cujo custo tem uma influência direta sobre o custo de tudo o que produzimos: energia elétrica e petróleo, por exemplo.

As tiradas demagógicas do sr. Getúlio Vargas, suas promessas de "fiscar lubarões" e outras que tais, podem merecer algum crédito do povo humilde, que precisa de esperança como de ar para viver. Mas para quem conhece a realidade de nossa política, elas parecem apenas uma distração brincadeira. Faça-se uma lista dos advogados e diretores dessas grandes organizações, dos acionistas de suas filiais, aparecerão, numa quantidade enorme, uma importância impressionante, figuras instaladas no próprio Governo dito "trabalhista", ou que vivem à sua volta, sendo os alegres churrascos, apresentando as pessoas influentes, geralmente, figuras simpáticas, amáveis, envolventes, traquejadas na própria vida pública, conhecendo as fraquezas e manias de cada um.

Ora, é completamente impossível negar que essas figuras se sentem, neste regime "trabalhista", perfeitamente à vontade, chelas de prestígio e de carinho nas mais altas rodas do Poder. Diante disso quem quiser que acredite na caçada de lubarões.

A CRIANÇA

RUBEM BRAGA

Escrevo esta nota com tanto atraso que neste momento uma grande parte do jornal já está rodada. Olho esses primeiros cadernos impressos com a ternura e o desgosto de um pai olhando o filho nascido demasiado feio. "Primeiro número é assim mesmo" — dizem os amigos para nos confortar. Mas está ruim demais; meus olhos tropeçam em erros de revisão, gatos, legendas trocadas, falhas, mancadas mil.

Não cuidem que falo mal de "COMÍCIO" apenas para fazê-lo antes dos leitores. Não é esportividade, é desgosto verdadeiro. Agora mesmo o homem da oficina longinqua diz, pelo telefone, que o outro caderno está rodando, "mas a impressão da rotoplana não está muito boa". Ah quando eles dizem que "não está muito boa"! A culpa não é dos operários, nem nossa, nem de ninguém, é da pressa, esta pressa brasileira... Sim, o melhor é falar mal do país, pôr toda a culpa nas costas do Brasil, que as tem grande (oito mil quilômetros, se não me engano).

Em todo caso — digo a Joel — o melhor, no dia do lançamento, no lugar da uiscada festiva, é nós juntarmos todos na redação, nós, os responsáveis, cobrir a ca-

beça com sacos de estopa, mastigar cinzas e entrar em lamentações.

*
Jornal ou revista? Essa pergunta me deu muito trabalho, até que inventei uma resposta: "se está grampeado, é revista."

*
A capa — Deus sabe porque circunstâncias — parece a de um panfletão comunista. A contra-capla foi uma solução — ou melhor, não foi uma solução — de última hora. Era para sair um retrato da mesma jovem em pé, junto da barra de exercícios, as coxas longas estendidas, uma beleza. A secção feminina tinha matéria demais para uma página, até que se descobriu que mal dava para meia. Aquela nota sobre a exposição do Museu de Arte Moderna do Rio está ilegível. Aquela crônica... mas chega. Vamos mudar de assunto. Como está bem impressa essa revista nova, "Manchete"!

*
Tudo, é claro, vai melhorar. O Brasil é o país do futuro. Nosso "team" que venceu o sul-americano, não tinha empatado com o Peru?

Viva o Brasil, e até a semana que vem.

O MUNDO E A MENTIRA

RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA

As notícias norte-americanas só divulgam o que interessa positivamente o governo de Washington, ou, as mais das vezes, os negócios de organizações privadas poderosíssimas. A agência

Um dos elementos mais influentes na tragédia da civilização, é a mentira nas informações entre os povos. O avião, o rádio, o telégrafo teriam resolvido o tremendo problema, se interesses políticos e econômicos não transformassem tão extraordinários instrumentos de comunicabilidade em armas de guerra fria ou quente.

Em países como a Rússia ou a Espanha, para citar, apenas, as duas ditaduras típicas e antipodas, o povo vive mergulhado na treva da censura. O povo não é privado somente das informações gerais e amplas sobre assuntos internos e externos. Muito pior ainda: o povo é mistificado pela propaganda unilateral, que envenena os espíritos e assegura privilégios de domínio pessoal, sobre o destino coletivo, a indivíduos e grupos miseráveis sequestrados de poder e riqueza. O progresso humano, nestes termos, com as aplicações da investigação científica, oferece o monstruoso contraste de nossos tempos, porque torna possível a ação do obscurantismo, da mentira, do negativismo em todos os planos da vida.

O controle das informações pelo poder do Estado ou pelo poder do Dinheiro, ameaça destruir o mundo, porque impede toda forma eficiente de esclarecimento, seja pela simples narração verdadeira dos fatos, seja pela crítica ou pelo debate. Ainda há poucos dias o "Diário de Notícias" publicava um artigo de Dorothy Thompson, primeira dama do jornalismo norte-americano, sobre as mais recentes declarações de Stalin, ditador da Rússia. O governo de Washington deixara de publicar certas propostas de Moscou, sob o pretexto de que as mesmas nada continham de novo. Mas Dorothy Thompson entendia que o povo norte-americano tinha o direito de conhecer as propostas russas para melhor julgá-las. Na verdade a grande jornalista conseguira ler o texto da nota do sr. Stalin no "Times" de Londres, — e, na sua opinião, essa nota tinha a maior importância, não justificando, portanto, a orientação que a impedira de ser divulgada nos Estados Unidos.

Sabemos, por exemplo, que aqui no Brasil, presentemente, não há censura oficial aos jornais. Devemos, porém, reconhecer que a informação internacional destinada a nossa imprensa é tendenciosa e dirigida. As agências

(Conclui na 6ª página)

HISTORIA DE TELEFONE

JOEL SILVEIRA

É preciso uma porção de coisas para se fazer uma revista, e a primeira delas é um telefone. Pedimos três, com três extensões, mas a Companhia nos explicou que não podia fazer nada, só com autorização do prefeito. Então fomos os três à presença de S. Excia., todos de roupa nova, Braga até de barba feita. S. Excia. nos recebeu com um sorriso especial, apertou a mão de cada um de nós, deu-nos um cafézinho ótimo. E quando Rafael tirou do bolso a folha de papel com os nossos anseios — três telefones e três extensões — S. Excia. foi rápido e fraterno: tomou o papel, pediu na caneta emprestada, rabiscou um signo decifrável num dos cantos, entregou a folha a um dos seus assistentes e chamou matreiro para nós, como se estivéssemos os quatro metidos num só

— Com esse cafézinho aqui, é tiro e queda.

Ganhamos mais um outro sorriso, na despedida, e um novo aperto de mão. Saímos radiantes e vitoriosos. Agora era tratar de coisas menos triviais! E tocar para diante. De pé pelo Brasil!

Quarenta e oito horas depois a Companhia nos informava que ainda não recebera a mínima notícia de nossa visita à S. Excia.

Não tinha importância, pensamos, não se faz nada neste país em quarenta e oito horas. Mas se passaram mais quarenta e oito, e mais quarenta e oito. A situação era crítica — urgia um telegrama altivo à S. Excia., o que foi feito. S. Excia. respondeu pelo telefone oficial, por intermédio de uma secretária: que procurássemos na Companhia que o ofício estava lá.

O moço de óculos nos olhou pela décima vez, com uma indistigável cara de nojo, respondeu que não tinha recebido

(Conclui na 7.ª pag.)